

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melpem
ad destinatum persequor, ad bravium
triumpfi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *A União Catholica—A Voz da Igreja através os labios de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo do Funchal—A Devoção ao SS. Coração de Jesus; A Religião natural e a Religião Christiã*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *A Virgem Maria e Luiz Veillot*, por A. Moreira Bello.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XVII, Disciplina e Hierarchia da Igreja catholica*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Auto da abertura do coizão da Rainha D. Maria Anna d'Áustria, mulher de D. João V, no anno de 1780*, por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.—Secção Critica: *Um bom Padre, e uma boa filha; Auctoridade*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Litteraria: *Devota, poesia*, por Mattos Ferreira.—Secção Illustrada: *I, Os pobres á porta do mosteiro; S. Thomaz d'Aquino, doutor da Igreja*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE JULHO DE 1887

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

A Voz da Igreja através os labios
de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo do Funchal

A DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

(Continuado do n.º anterior)

III—Vinde, por que, se as promessas do Senhor Bom Jesus são magnificas, as practicas que recommenda e que a Igreja tem estabelecido são esplendidas e todas maravilhosamente adaptadas a levantar-nos para o ceu, purificando nossas almas e dando-lhes azas de um fogo sagrado, que nos aproximam d'aquelle Coração primoroso.

Qual é a causa da perda das almas e do desfinhamento da sociedade senão a descrença, e como necessaria consequencia a desmoralisação? Só não vê isto quem não quer vêr. Desde que o principio religioso se obliterou no espirito do homem, seu coração desce immediatamente aos abyssos da degradação. Sustenta-se a moral unicamente na fé, e se homens de creença, por desventura, se precipitam no charco immundo do vicio, fica-lhes sempre a ancora que os pôde salvar de completo naufragio; mas se a fé se perdeu, ou não chegou mesmo a germinar na alma humana, é absolutamente impossivel que ella possa sustentar-se á superficie d'este mar revolto e tormentoso que se chama mundo; hade forçosamente sobobrar sob o impulso violento d'esta vaga alterosa das paixões.

Assim, pois, quando se lança nos espiritos a semente preciosa das doutrinas espiritualistas e immaculadas da religião santissima de Jesus, logo se abriga o coração sob o valente escudo que resiste aos golpes violentos do estímulo e da paixão.

Mas o Mestre divino não se limitou a illuminar o entendimento com as verdades celestes, desceu até aos corações com seu immenso e puro amor para os purificar n'aquellas chammas ardentes, derramando n'elles ao mesmo tempo um balsamo que os amacia e fortifica. *Aprendei de mim*, disse elle, *que sou brando e humilde de coração.* (1) Que vossas intenções sejam puras e rectas para não corromperdes a alma, derramando veneno sobre as acções do proximo, *por que se o vosso olho for puro, todo o corpo será lucido, mas se ao contrario fór mau todo o corpo será tenebroso.* (2)

Assim nos illustra e fortalece com a doutrina e com o exemplo; *Exemplum enim dedi vobis*, (3) para que tomando nós o sabor delicado da virtude, ganhemos aversão e tedio ao vicio.

A instituição de sua Igreja, em cujo seio se dignou ficar, não teve outro fim; e esta carinhosa e desvelada Mãe, conservando intacto o deposito sagrado que o divino Esposo lhe confiou, vae incessantemente repartindo a seus filhos esse thesouro e acompanhando-o de conselhos, preceitos e practicas prudentes e salutareis, para que estes o não dissipem nem adulterem.

Eis o motivo e a razão dos exercicios e solemnidades religiosas a que somos convidados todos os dias.

Ora todas as ceremonias sagradas a que assiste o povo christão se dedicam a vivificar nas almas a fé, a esperança e a caridade, estas tres virtudes divinas que transformam a alma humana n'um ser angelico.

Nem tem outro fim tudo quanto está prescripto aos devotos servos e amantes do divino Coração de Jesus, os quaes constituem um exercito aguerrido e já numeroso sob o nome de *Apostolado da Oração*.

Vimos que nosso Senhor incumbiu a

beata Margarida-Maria de apostolar este culto de honra, fervor e expiação; promettendo a quantos se dedicassem com zelo a este serviço copiosas e preciosissimas graças.

Vieram, por tanto, aggremando-se as almas mais generosas, para que todas em união de meios e de fins se aproximassem cada vez mais d'esse Coração divino. O fim é consolar, servir e amar Aquelle que todo se consagrou ao nosso serviço, ao nosso bem, ao nosso amor; e a tal ponto que por nós derramou seu sangue preciosissimo. *Ille animam suam pro nobis posuit.* (1)

Os meios são os mesmos de que Jesus usou e todos quantos recommendou e pediu. Recebe por tanto esta Associação tambem o nome de *Liga do Coração de Jesus*.

A oração é, pois, o primeiro meio de que devem lançar mão todos os associados; é o mais apto para vencer o coração de Deus, é aquelle de que Jesus mais usou, é o mais facil e mais universal, para não dizermos o mais natural. Nenhum homem deixa de sentir tantas vezes na vida a necessidade de erguer sua alma a Deus, quando principalmente lhe inunda o coração ou o sentimento do prazer ou o da dôr. Em qualquer d'estas situações o homem carece de expandir-se para não succumbir, e o coração lhe estala se é privado d'esta expansão.

Jesus fazia da oração a sua quasi continuada tarefa, e n'ella hauria as maiores delicias, unindo-se ao Eterno Pae e pedindo conforto nas horas cruéis das agonias, desde o horto até á cruz. Nenhum outro exercicio elle recommendou com mais frequencia e com maior instancia.

Ainda hoje, como sempre, nos dá auxilio e exemplo pois não cessa um só momento de interceder por nós: *semper vivens ad interpellandum pro nobis* (2).

(1) Math. XI, 29.

(2) Luc. XI, 34.

(3) Joan. XIII, 15.

(1) Joan. III, 16.

(2) Ad. Hebr. VII, 25.

Bem nos disse que era ella omnipotente, visto que nada pediriamos a seu Pai em seu nome que nos fosse negado: *(Quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam)* (1).

Nem julgamos necessario insistir n'este ponto, pois se não ha homem em claro uso de sua razão que possa contestar a necessidade e o dever da prece, seguramente não pode cair em tal absurdo o discipulo de Christo, muito menos, de nenhum modo, o associado da Liga ou Apostolado. A oração é sempre a grande força da sociedade christã.

E, sendo esse o seu primeiro e mais imperioso dever, é por isso mesmo que constitue o 1.º grau da Associação, consistindo o seu exercicio no offerecimento de todas suas orações, actos e soffrimentos de cada dia em união com o sagrado Coração de Jesus. A formula e a intenção apparecem sempre no *Memorandum* que é orgão authentic do Apostolado.

Devem tel-o todos os centros e devem tel-o e explical-o todos os Directores na primeira reunião de cada mez. Bom seria que cada um dos associados podesse ler ou ao menos ouvir a intenção particular de cada mez, pois que assim melhor se ligam todas as orações, acções e soffrimentos, que subirão para o ceu com legião potentissima que irá abalar o throno de Deus.

Considerando-se ainda que não só assim se conservam unidas em seus pedidos e desejos mais de 40 mil parochias e que accrescem as orações, penitencias, missas, communhões e boas obras de todas as grandes Ordens regulares e de mais de 120 congregações religiosas, o cumulo é verdadeiramente prodigioso! (2)

Ora quem não quererá ter consigo, na hora em que eleva sua alma a Deus, tudo quanto ha sobre a terra de mais puro e sancto e fervoroso?

E ainda aqui não conclue a practica da oração, por que ao 2.º grau da Liga pertencem aquellos associados que à primeira oração indicada reunirem a da recitação de uma dezena do Rosario pela conservação do Summo Pontífice e pelas necessidades da Igreja, segundo se lhes indicar no principio de cada mez (3).

Sabemos todos quanto a practica do sancto Rosario é fecunda em bençãos e como Maria Sanctissima se compraz em ser invocada sob esta forma, inspirada ao seu servo Domingos de Gusmão. Nas grandes crises da Igreja tem sido esta practica uma arma poderosissima e vae ella revivendo hoje sob o vigoroso impulso que o actual Pontífice lhe tem da-

do, recommendando com a maior instancia este sancto exercicio durante o mez de Outubro e em outras occasiões de solemnidade em honra da Mãe de Deus.

Alem de que não ha melhor guia para Jesus do que o amabilissimo Coração de sua e nossa Mãe. Assim como para ir ao Pai é preciso procurar a intervenção poderosa do Filho, assim tambem para mover o Filho é forçoso valem-nos do ministerio suave, amoroso e efficaz de Maria.

E' tambem por isso que na formula mensal da intenção se appella sempre para o amor d'essa soberana Mediadora, cujas preces são omnipotentes para mover o Sagrado Coração de Jesus.

Comprehende-se, pois, como é racional, agradavel e muitissimo proveitoso o exercicio tão facil d'este 2.º grau do Apostolado.

Mas ainda ha um 3.º grau que consiste na communhão reparadora, pedida por Nosso Senhor com tanta instancia à B. Margarida-Maria como desaggravo das offensas, desprezos e indifferença de tantos filhos ingratos.

Reunidas sete ou trinta pessoas, que se compromettem a commungar um dia em cada semana ou um dia em cada mez alternadamente e com especial licença de seu confessor, temos assegurada esta vontade tão viva do divino Coração, que assim receberá diariamente uma particular consolação e suspenderá o braço do Altissimo prestes a cair a cada instante sobre nós, que tambem constantemente o provocamos.

Aos fleis é bem facil dispor de um dia em cada mez para este bello acto da vida christã, o mais doce e ao mesmo tempo o mais sublime e efficaz; unir à sua alma o corpo santissimo do Senhor.

Aos directores raras vezes será penoso ouvir de confissão alguns de seus parochianos e distribuir-lhe a communhão.

Quem não quererá, rebanho e pastor, precunir-se contra a justa colera de Deus, desaggravando por este modo seu divino Filho no Santissimo Sacramento?

A organização d'este 3.º grau é tão facil como é facil a sua execução.

Nem fallamos das numerosas indulgencias que se lucram e que é mais um poderoso estímulo a esta sancta e edificante practica, a corôa certamente de todas as que se usam n'esta bella devoção. (1)

(Continua)

A Religião Natural e a Religião Christã

III

PARA que nada faltasse à religião no seu estado primitivo, nas primeiras edades do mundo, instruiu Deus o homem sobre o culto que se lhe devia prestar, determinando e fixando o dia que havia de ser consagrado ao seu serviço. Este foi o dia setimo, que se chamou *sabbado*.

N'este dia ordenou Deus que cessassem as obras e trabalhos servis, cumprindo-se com especialidade os deveres para com o Senhor e Creador do mundo e do homem.

Assim, desde o principio dos tempos, se ficou guardando o sabbado por todo o genero humano, pondo Deus ainda n'este dia um incontestavel monumento da criação do mundo e do homem.

Escolheu Deus o sabbado, palavra hebraica que significa *descanso ou cessação*, porque no setimo dia da semana cessou Deus de crear o mundo. E' este um monumento eterno a que se não poderá dar outra origem que não seja a criação do mundo, segundo refere Moysés.

E note-se que não ha nação alguma conhecida em todo o mundo, por mais barbara e selvagem que seja, que não conte entre sete um dia que celebre e festeje como santo.

Logo uma tão geral instituição data dos mesmos principios do genero humano. Logo devem ter por origem um grande facto. Não foi outro senão o fim da criação do mundo, ou o *descanso* de Deus no setimo dia.

Podia muito bem Deus crear o mundo n'um momento. Mas como poderia elle deixar levantado um tal monumento que eternisasse na memoria dos homens a verdade d'esta criação, o dogma d'um Deus Creador, d'um modo incorruptivel?

Levantou este monumento, e que só um Deus pôde inventar, creando em seis dias o mundo, e deixando gravada no setimo esta crença, este dogma, até à consummação dos seculos.

Não destruíram os christãos este monumento, santificando o domingo e não o sabbado; antes mais o levantaram, ficando duplicado; porque assim confessam duas verdades incontestaveis da nossa religião: Deus Creador, e Jesus Christo resuscitado.

Para confundir os incredulos não é necessario mais que apresentar-lhes a santificação do dia de domingo que substituiu o antigo sabbado.

Os Apostolos, logo desde o principio, entraram a guardar e fizeram guardar este dia, à vista de todo o judaismo sem contradicção, eternizando assim o

(1) Joan. XIV, 13.

(2) Manual do Apostolado da Oração.

(3) Estatutos, art.º 4.º

(1) Manual do Apostolado da oração.

dogma da Resurreição do Senhor juntamente com o da criação do mundo: porque, celebrando-se antes o sétimo dia, que foi o primeiro depois da criação, no domingo celebramos o primeiro, em que Deus começou a crear.

Eis aqui, temos um grande monumento, que de geração em geração se conservou desde os nossos primeiros paes. Por elle só se mostra o que foi a chamada religião natural em que Deus instruiu o homem.

Ficou Adão e toda a sua descendencia cessando de trabalhar e santificando aquelle dia religiosamente, para sempre, em memoria e confissão de Deus Creador do mundo.

E é por isso que Moysés historiou com tanta minuciosidade e exactidão a criação em todos os dias, e que vemos intimado tão repetidas vezes este mandamento: *Memento ut diem sabbati sanctifices*: Lembra-te de santificar o dia de sabbado.

Não era um mandamento novo que Deus impunha ao povo hebreu: elle datava do principio do mundo, e era observado na epocha da religião natural.

Lembra-te, diz Moysés, de santificar o dia de sabbado; e logo accrescenta a razão porque assim o devia fazer: Porque o Senhor teu Deus creou o mundo em seis dias e cessou de crear no sétimo.

Alem d'este mandamento tão fundamental à religião, Adão e Eva foram instruidos pelo proprio Deus em tudo o que dizia respeito aos deveres do homem para com o seu Creador e a sociedade, não sendo a religião natural outra cousa que uma figura ou preparação da religião christã, ou esta a mesma religião aperfeçoada, e que datava da origem do mundo.

Teve, pois, a religião primitiva, que foi dada a nossos primeiros paes ainda no estado da innocencia, um dia destinado para os actos religiosos, para o culto divino.

Nós vemos este culto religioso praticado pelos antigos patriarchas, quasi immediatos ao diluvio e ainda anteriores a este cataclysmo.

O reconhecimento dos beneficios de Deus, não só interior, mas manifestado no exterior, como na cessação do trabalho, as adorações, os louvores, os canticos e hymnos em acção de graças, os ajuntamentos religiosos, deveriam fazer parte d'este culto.

Ainda as mortificações espirituaes e corporaes, de que tanto zombam os incredulos, tiveram logar n'esta primeira epocha, pois vemos ambas estas mortificações na prohibição da comida de certo fructo. Mortificando o corpo pelo jejum ou abstinencia da comida, mortificava tambem o homem a alma no desejo de conhecer o bem e o mal.

A' vista d'isto, como ousam os incre-

dulos dizer que na religião chamada natural não havia dogmas a crer, e que o culto divino era simples, sem superstições e fanatismos? Como se atrevem a afirmar que a religião revelada é uma pura invenção dos homens?

Dechahidos, porém, Adão e Eva dos direitos à vida eterna, perdidos seus destinos, incursos na escravidão do demónio que os havia vencido, e condemnados à morte, não havia outro remedio que fazer-se homem o mesmo Deus, tomando sobre seus hombros as iniquidades do genero humano, satisfazendo por ellas com a sua propria morte.

Foi esta invenção de Deus, que nem aos mesmos anjos poderia lembrar.

Era o plano divino que esta redempção do mundo só se realisasse depois de muitos seculos; mas logo os nossos primeiros paes tiveram um claro conhecimento d'esta futura redempção, e esta crença foi transmittida a toda a sua descendencia. Assim o Messias, o Redemptor, o Homem-Deus era esperado geralmente.

Eis aqui a religião christã em esperanças. Quanto é antiga?

Quaes foram, porem, os dogmas e os artigos de fé que professaram Adão e Eva, seus filhos e todo o genero humano, antes e depois do diluvio? quaes os meios de perdoar peccados? qual a essencia da religião antes da vinda de Jesus Christo? qual ainda o culto divino que devia ser analogo e conforme a esta religião?

Era tudo o mesmo que hoje professamos, só com a differença de termos realisado o que elles tiveram em figura.

Deus nunca se esqueceu da sua obra, e em diferentes epochas instruiu o homem nos deveres da religião que já mais reconheceu outro auctor. Os mesmos sacramentos da lei nova existiam em figura na lei antiga.

Regra geral. Tudo o que houve na religião moysaica, que não teve então data da religião primitiva, e foi aperfeçoado pelo Filho de Deus.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

A Virgem Maria e Luiz Veuillot

QUEM não conhece, ao menos de nome, Luiz Veuillot, um dos mais valentes athletas modernos do catholicismo, o immortal defensor da Igreja n'este seculo, e um dos maiores litteratos francezes contemporaneos? Por occasião do seu chorado passamento, esta revista religiosa prestou ao illustre morto a homenagem da sua admiração e do seu sentimento. Nós mesmo, para

lhe rendermos o nosso humilde preito, entendemos que o não podiamos fazer melhor que trasladando um bellissimo capitulo da sua magnifica obra *Os Perfumes de Roma*, intitulado «As Madonnas», e cheio de sciencia, poesia e piedade.

Todos sabem que a conversão do grande homem teve logar em Roma: preparada no Gesù com a ajuda da graça de Deus no recolhimento da oração, amparada com o auxilio e com os incitamentos de amigos queridos, completou-se em Santa Maria Maior, ante as vistas d'Aquella que é o Refugio dos peccadores. Nunca elle o esqueceu; o seu coração foi sempre ardentemente dedicado a Maria.

Luiz Veuillot reuniu n'um volume intitulado *Peregrinação da Suíssa* as numerosas recordações das suas piedosas romagens. Um dia chega a Nossa Senhora dos Ermitas, conta a sua historia, e narra os seus milagres; depois é a formosa egreja d'Einsiedeln que lhe fere as vistas, é a modesta imagem da Mãe de Deus que lhe toca e commove o coração. Ajoelha-se ante ella com a multidão dos fleis, e parece-lhe ler no coração de todos aquelles christãos; parece-lhe ouvir os seus votos. Como estes são ternos e suavemente expressos! Os nossos bons leitores o vão avaliar. E' Luiz Veuillot quem falla em nome d'aquelles diversos peregrinos:

«O SACERDOTE

Virgem SS., rogae por aquelles que leem cargo d'almas: rogae pelo pastor e pelo rebanho. O pensamento do meu Deus e o vosso, sempre presentes, me inspirem vigilancia, mansidão e caridade; fazei com que eu nunca deseje nada para mim proprio das vantagens d'este mundo; guardae-me de todas as culpas, a fim de que o pae não venha a ser motivo de escandalo para os filhos; dae à minha voz o accento que consola; seja a minha vida como uma fogueira no meio das trevas, que se consuma para allumiar e aquecer os corações.

Porta do ceo, abri-vos e deixae chover as benções do alto sobre a familia a quem Deus me deu; enchei todas essas almas das doces virtudes da fé; concedei-lhes o bastante dos bens da terra para esperarem suavemente o dia dos bens eternos.

Mãe sempre bemdita e muito amada, rogae a Deus pela salvação e pelo triumpho da nossa santa Igreja, sua esposa como vós; e não vos esqueçaes do nosso Santo Padre o Papa, do nosso bispo, da nossa patria e do nosso rei.

O JOVEN CHRISTÃO

Por vossa intercessão, doce e piedosa Maria, e pela graça de Deus, sahi

das trevas em que estava abysmado. Mas estou ainda fraco e vacillante, saugra-me o coração em todas as partes em que feri para o desprender do mal, arrasto penosamente o resto dos grilhões que parti, choro e invejo as alegrias criminosas a que renunciei, e tenho medo de recahir. O Virgem! acaba a vossa obra, comparae-me, escuta a minha supplica. De tudo quanto quiz, não peço mais que uma coisa, e peço-a sinceramente, não obstante as murmurações do corpo e as rebelliões do espirito: quero perseverar!

Ail Virgem SS., bem que eu tenha vivido pouco, muitos no mundo teem soffrido e peccado por causa de mim: lembrae-vos d'elles, e concedei-lhes o vosso amparo. Que dor a de pensar que a minha alma se salvará e que talvez essas se percam! Fazei-lhes a graça que me fizestes a mim, e Deus me envie tudo quanto eu possa supportar do peso d'ellas.

Ha outros que me arrastaram ao mal, que primeiro me lançaram no pensamento, ainda innocente, a lama que agora o turva: dae-me força para lhes perdoar e para rogar que Deus lhes perdoe.

O meu Deus! pois que n'esta hora sou um de vossos filhos e tenho tambem direito de enviar ao ceo uma prece que será escutada, illuminae todos aquelles a quem amo, meus parentes, amigos e inimigos d'outro tempo, que são hoje meus irmãos; dae-lhes a todos a felicidade que eu gozo apezar d'estes derradeiros combates em que a vossa força me tornará vencedor.

A MÃE

O Virgem, saude dos enfermos e dos que soffrem, o bello filhinho que me destes debruha no berço; os seus doces olhos já se não animam ao meu sorriso, a sua voz já não busca balbuciar o vosso nome que eu lhe ensinara; Virgem SS., rogae por mim, salvae meu filho; é a flor de pureza que perfuma a minha casa; é o anjo custodio que vela sobre o meu coração; é o favor de graças pelo qual todo o fructo amargo da vida se converte no mais doce mel. Quando elle me dorme nos braços e eu contemplando-o bemdigo a Deus, nada mau me entra na alma, nenhum dever me é pesado, nem me tenta nenhuma das alegrias mortaes outr'ora desejadas; não anheio senão vel-o crescer para o ouvir orar commigo: parece-me que sou virgem e mãe, como vós...

Se Deus, sempre justo e bom, não quer que este fragil batel affronte as ondas, ó Virgem SS., Mãe de dores, então alcançae-me o valor da resignação; fazei com que me não esqueça de que vós permanestes em pé junto da cruz.

O PAE

Minha boa e santa Mãe, rogo-vos por minha mulher e por meus filhos. Velae por elles, em tanto que eu trabalho para elles; santificae-me para que eu os santifique; entrego-os nas vossas mãos. Bem sabeis quanto os amo; contudo, peço-vol-o em nome de vosso divino Filho, antes Deus os leve para si que lhes deixe commetter um só peccado mortal.

O POBRE

Consoladora dos allictos, levae aos pés de Deus as minhas acções de graças pelas forças que me tem dado em todas as minhas miserias. O mundo me lamenta, mas eu por mim não acho tão pesada a minha carga. Tenho soffrido: que homem não soffre? Mais d'uma porta a que tenho batido ficou fechada: que homem não tem pedido muitas vezes e não tem sido repellido? Não tenho amigos, nem familia: que homem não sente magoado o coração quando ama fóra de Deus?

Aquelles que me lamentam não sabem quantas almas generosas me tem soccorrido, quantos christãos teem acolhido seu pobre irmão, quantas mãos piedosas me teem curado as chagas, e quanto manna celeste tem cahido cada dia no que elles chamam o deserto da minha vida.

Não teem visto os anjos que me surriem nas paragens mais escuras, nem os lares cheios de repouso onde muitas vezes outros tão pobres como eu me teem dado do seu pão pela metade das minhas orações.

Ignoram principalmente, ó Virgem SS. que tambem mereceis o nome de Mãe, ignoram que radiosa esperanza me illumina o coração; pois adormecidos nas suas delicias, não teem tantas vezes como eu a ventura de sonhar com o paraíso.

Porque pois me lamentam? Não sou vosso filho? não posso rogar-vos como elles? Ficarei mais tempo que elles na terra, e não irei para o ceo com elles?

Virgem SS., abençoe os meus bemfeitores, conservae-lhes as riquezas em que o pobre tem sua parte; mas sobre tudo tende piedade d'aquelles que repellem o indigente, e suavizae os soffrimentos de todo aquelle que careça de força e resignação.

Mãe celeste, bemdita sejaes para sempre.

(Continua)

A. Moreira Bello.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º 16)

XVII

Disciplina e Hierarchia da Egreja catholica

Os concilios não inventaram dogma algum.—A disciplina é necessaria para conservar a unidade.—Os Apostolos exerceram a faculdade de legislar.—E consequencia d'esta faculdade a de corrigir e castigar.—Os canones apostolicos.—A disciplina referente ao dogma é invariavel.—Independencia da Egreja.—A hierarchia ecclesiastica é d'instituição divina.—O Pontifice romano.—Origem do poder temporal dos Papas.—Origem das dignidades ecclesiasticas.

NEM OS Pontifices nem os concilios inventaram dogmas novos, como alguns sectarios falsamente supõem.

Os concilios geraes ou ecumenicos, que são as assembleas dos nossos bispos reunidos com autorisação e sob a presidencia do Papa ou de seus legados, declararam artigos certos principios que os herejes se atreveram a negar, apesar de professados e cridos desde o nascimento da Egreja.

Assim o concilio I de Nicêa, declarando que o Verbo é consubstancial com o Padre, não inventou dogma nenhum; mas ao condemnar Ario explicou a intelligencia verdadeira das Sanctas Escripturas, que nos ensinam a divindade de Jesus Christo: o decreto do Concilio só foi uma *declaração*, e não de modo nenhum uma *invenção*.

Estas declarações conciliares teem por objecto separar de disputas e debates as doutrinas confessadas e cridas desde os tempos apostolicos, que são a base essencial das crenças catholicas, e que por esta causa devem ser professadas com a maior exactidão e com a maxima firmeza.

As mesmas razões teve o nosso supremo Pontifice Pio IX para declarar solemnemente, em virtude da sua infallibilidade, a Conceição Immaculada da Sanctissima Virgem, e que é hoje um dogma, sobre a crença do qual não é licito debate algum.

Desde logo se comprehende não fóra perfeita a fundação da nossa Egreja se fosse privada de legislar e de decidir as disputas que ácerca da sua doutrina se promovessem; assim como no relativo á sua disciplina sagrada; e por esta causa as decretaes pontificias e as decisões conciliares concorrem admiravelmente para a conservação da unidade.

Não pode conservar-se a unidade sem a ordem mais perfeita, a qual exige uma rigorosa disciplina, e esta ordem pro-

duz a necessaria subordinação imposta aos catholicos para que não se perturbe nem interrompa a maravilhosa harmonia da Igreja.

A obrigação de respeitar e cumprir as leis ecclesiasticas, dictadas em diversos tempos para a decencia d'um culto sancto e uniforme e para manter a moralidade e a pureza de costumes, é uma obrigação sagrada.

Constituem esta disciplina as decretaes, os canones dos concilios, as maximas dos SS. PP. da Igreja, os usos e costumes que adquiriram força de lei, assim como as decisões dos synodos tendentes a impedir infracções e a extirpar abusos.

Se qualquer sociedade necessita de leis para se conservar, de leis necessita igualmente a Igreja para o governo geral dos christãos disseminados pelas nações da terra. Os Apostolos usaram da faculdade de criar leis como os seus actos frequentemente o attestam. Recordaremos somente, para não sermos extenso, as decisões do Concilio III de Jerusalem, declarando os christãos isentos da circuncisão e d'outras observancias, accordão que foi annuciado aos fieis d'este modo: «Porque pareceu bem ao Espirito Sancto, e a nós, não vos impôr mais encargos, do que os necessarios: que vos abstinhaes do que tiver sido sacrificado aos idolos, etc. (1)» e referindo a mesma chronica que Silas foi o encarregado de communicar ás Igrejas as decisões do Concilio, acrescenta o seguinte: «E andava pela Syria, e pela Cilicia confirmando as Igrejas, ordenando-lhes que guardassem os canones dos Apostolos e dos Presbyteros (2).»

Com o mais sancto zêlo Paulo e Timotheo ensinavam aos fieis a obrigação de observarem a nova disciplina: «E quando passavam pelas cidades lhes ensinavam que guardassem os decretos que haviam sido estabelecidos pelos Apostolos e pelos presbyteros que estavam em Jerusalem... E com effeito as Igrejas eram confirmadas na fé, e cresciam em numero cada dia (3).»

São Paulo não se cansa de recomendar a observancia da disciplina nas cartas dirigidas aos christãos de Corintho e Thessalonica, bem como aos Hebreus: «Eu vos louvo, pois, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e guardais as minhas instrucções, como eu vol-as ensino (4). E se algum não obedece ao que ordenamos pela nossa carta, notai-o, e não linhais communicação com elle (5). Obedecei

«aos vossos superiores e sede-lhes submissos (1).»

Manda ao bispo Tito que reprehenda as faltas, accrescentando a respeito dos desobedientes e insubordinados: «Foge do homem hereje depois da primeira e segunda correcção (2).»

S. João foi igualmente explicito e zeloso do respeito ás leis ecclesiasticas, e das suas cartas, assim como das restantes paginas do Novo Testamento, poderíamos tirar repetidas provas que elevam até os principios da Igreja a origem da sua sancta disciplina; e sem embargo de tão claros testemunhos, os protestantes ainda se atrevem a dizer que a primitiva Igreja não exerceu a faculdade de legislar.

Defendem este erro historico os que abrigam o projecto de collocar a auctoridade ecclesiastica debaixo do despotismo dos poderes seculares; e como a faculdade de fazer as leis pertence o direito de impôr castigos, negando a Igreja o character de legisladora, nega-se-lhe o seu inherente e necessario poder de fulminar censuras. Refuta semelhante desvario um conhecido professor, ao qual ninguem poderá chamar ultramontano.

«A Igreja christã, diz o alludido professor, na sua qualidade de sociedade, não podia carecer do poder coercitivo, inherente a qualquer outra, o qual consiste na limitação ou privação por causa de delicto do todo ou parte dos direitos, que n'ella correspondesse aos associados. Mais perfeita no seu terceiro e ultimo estado do que o foi no segundo; isto é, no da lei Mosaica, que revestiu d'este poder de jurisdicção os sacerdotes de Israel, não pôde deixar de conservar esta base essencial da sua constituição, transferindo Jesus Christo, seu divino fundador, este poder para os Apostolos, que o exerceram, e em seu nome para os seus successores: n'este sentido e com tão indisputaveis titulos a Igreja christã exerceu desde os primeiros seculos por direito proprio a faculdade de impôr censuras accomodadas ao seu modo especial de ser, e aos fins e objecto da sua instituição (3).»

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.



SECÇÃO HISTORICA

Auto da abertura do caixão da Rainha D. Maria Anna d'Austria, mulher de D. João V, no anno de 1780.

† CHEGOU-NOS ás mãos o auto original a que se refere a epigraphie supra; e, porque o consideramos de bastante interesse historico, publicamol-o n'esta Revista.

O caixão da Rainha D. Maria Anna d'Austria encontra-se hoje no Pantheon Real, que existe no edificio do extincto convento de S. Vicente d'esta capital.

É notavel pela sua singeleza; não jazem n'elle todos os membros da familia de Bragança para quem foi destinado; não tem uma alampada, symbolo da fé, que illumine aquelle recinto lugubre, não se celebra uma missa nos dias anniversarios do passamento d'aquelles que occuparam a posição mais elevada da sociedade portugueza e que dispozeram dos seus destinos!

O caixão da Rainha D. Maria Anna d'Austria e o tumulo magnifico de marmore foram levados para S. Vicente de Fóra ha poucos annos.

A igreja de S. João Nepomuceno abateu pelo terremoto de 1755. O edificio do convento serviu para a installação do asylo denominado de *Sancta Catharina*. A *Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade*, que tinha a sua sede na igreja de S. João Nepomuceno, passou depois do terremoto para a igreja denominada do *Corpo Sancto*, pertencente aos frades dominicanos irlandezes, onde ainda hoje se conserva.

Lisboa, Julho de 1887.

Mgr. Alfredo Elviro dos Santos.

Aos 23 dias do mez de julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1780, n'este Real Hospicio dos Religiosos Carmelitas Descalços Alemães, intitulado de S. João Nepomuceno, e sito no Monte de Santa Catharina d'esta cidade de Lisboa, estando presenté o Eminentissimo Senhor Dom Fernando de Souza e Silva, Presbytero Cardeal da Santa Igreja Romana, Patriarcha da Santa Igreja de Lisboa, e Capellão-Mór de Sua Magestade Fidelissima; testemunhas os Ex.^{mos} Dum João Pedro de Mello Telles, Dom Pedro Fortunato de Menezes, e Dom Antonio Xavier de Miranda, Principaes Presbyteros da Santa Igreja de Lisboa: o Doutor Manuel de Moraes Soares, Medico da Camara de Sua Magestade, suprimdo o lugar de Phisico Mór do Reino, e Antonio Soares Brandão, Cirurgião Mór do Reino. E logo pelo sobredicto Eminen-

(1) Act. Apost., cap. XV, vers. 28 e 29.

(2) Id. id., cap. XV, vers. 41.

(3) Id. id., cap. XVI, vers. 4 e 5.

(4) I ad Corin., cap. XI, vers. 2.

(5) II ad Thess., cap. III, vers. 14.

(1) I ad Hebr., cap. XIII, vers. 17.

(2) II ad Tit., cap. III, vers. 10.

(3) Aguirre, *Discipl. Eccl.*, t. IV, pag. 280, segunda edição.

tissimo Senhor Cardeal Patriarcha e Capellão-Mór foi dito, que a Rainha Nossa Senhora lhe havia participado, que Sua Eminencia fizesse proceder no reconhecimento do Real Cadaver da Augustissima e Fidelissima Senhora Rainha Dona Maria Anna de Austria, que Santa gloria haja, viuva do Augustissimo e Fidelissimo Senhor Rei Dom João V, cujo cadaver da referida Senhora se achava depositado na sobredicta Igreja, e concordando todos os ditos Senhores, que se procedesse no referido acto, se achou na dita Igreja um caixão coberto com um panno de veludo preto com uma cruz de nobresa da mesma côr guardada de pregaria sobredourada com duas fechaduras da mesma parte anterior, e sendo aberto com a chave, que apresentou o Padre Frei Duarte de Nossa Senhora das Dores, Vigario do sobredicto Hospicio, e não apparecendo a segunda chave, por se dizer, que se havia confundido na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino na occasião do terremoto do anno de 1755, se achou dentro do referido caixão outro de chumbo que tambem se mandou desoldar, e tirada a tampa se lia a seguinte inscripção: «D. O. M.—Dona Maria Anna de Austria—Regina Fidelissima—Portugalia, et Algariorum Regi. Joanni V—nupsit—Anno Domini MDCCVIII—Vixit copulata conjugio annos XLII—Superstes Conjugii annos IV—Diem clausit extremum anno MDCCCLIV—mensis Augusti die XIV—ætatis sue anno LXXI—Requiescat in pace. Amen.»

—E dentro do mesmo caixão de chumbo outro de madeira, em que se conservava o dito Real cadaver, que sendo visto, e examinado pelos mencionados, o Doutor Manuel de Moraes Soares, como Phisico Mór do Reino, e Antonio Soares Brandão, Cirurgião Mór do Reino, nomeados por Sua Magestade para este exame, acharam o dito cadaver inteiro organizado e com todas as articulações bastantemente firmes, e flexiveis, a cara proporcionadamente cheia de carne e com dous dentes dianteiros pegados à gengiva superior; o queixo, e ainda a cabeça bastantemente movel, os cabellos pegados, o panno de seda, em que se achava envolvido o mesmo Real Cadaver, e todo o mais ornato funebre era bastantemente forte, e sómente com alguma humidade, que fez com que alguns dos tafetás negros se distinguem, e participassem à mão direita a mesma côr destingida: Junta-mente se acharam umas contas de Jerusalem, e um Cordão do habito de alguma ordem, com um Santo Christo, tudo posto sobre o peito, e cintura, bem conservado. O que tudo sendo visto, e presenciado por Sua Eminencia, e pelos sobredictos Ex.^{mos} Principaes, se tornou a fechar no Caixão de madeira

o dito Real Cadaver, que se mettu em outro caixão coberto de veludo com uma cruz de lhama de ouro todo guardado com galão do mesmo metal, o qual se fechou com duas chaves diversas, do que tudo eu o Beneficiado Antonio José da Fonseca, Protonotario Apostolico, Secretario do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, e do Padroado Real nomeado por Sua Eminencia para tambem assim o attestar, como attesto, fiz este auto, que assignou Sua Eminencia, os Ex.^{mos} sobredictos Principaes, Phisico Mór, Cirurgião Mór. Na Igreja do dito Real Hospicio no mesmo dia, mez e anno mencionado no principio d'este acto de reconhecimento, (ass.) P. Cardeal Patriarcha, e Capellão Mór, etc.»

SECÇÃO CRITICA

Um bom Padre e uma boa filha

NADA mais sublime que a missão do Padre, do Padre verdadeiramente catholico, que se esquece de si para, fitando o Céu, vêr só os seus irmãos que carecem dos divinos auxilios. E nada mais sublime tambem que a missão d'uma filha, educada nos principios salutaes da Religião Catholica, que sabe ser, no lar, o anjo que com suas nevadas azas tudo sabe cobrir, para exercer a influencia do bom coração que possui em todos os transe da vida.

O facto que vamos apresentar a nossos leitores, e que transcrevemos d'uma Revista estrangeira, mostra assaz o que é um Padre, o que é uma boa filha, e tambem o que é a maçonaria.

Leia-se e archive-se:

«Um veneravel religioso passionista refere o seguinte successo:

«Em Brooklyn (Estados Unidos) fui chamado para assistir a um moribundo. Este era um allemão que eu tenho tido occasião de encontrar varias vezes. Sua filha unica, excellente catholica, preveniu-me de que seu pae era mação.»

«Depois de o ouvir de confissão, perguntei-lhe se tinha pertencido a alguma sociedade secreta.»

«—Sim padre, sou mação, porém v. sabe que na America isso não é mau.»

«—Está v. enganado, disse-lhe. A Maçonaria está condemnada em toda a parte. E' preciso que v. se retracte do que lhe houver promettido, e que me entregue as insignias que tiver.»

«O enfermo oppoz algumas difficuldades, porém havia conservado a fé, e assignou, por fim, a retractação que eu redigi: tive, comtudo, que fazer novas instancias para que me entregasse o avental, o esquadro, a facha e o ritual

que tinha fechado n'um armario perto da cama. Expliquei-lhe a necessidade que tinha de se despojar d'aquelles objectos, se queria provar que o seu arrependimento era sincero, e efficaz o seu regresso ao seio da Igreja.

Sahi levando aquelles despojos, e muito contente, por ter arrancado uma alma ao demonio.»

«A filha esperava-me á sabida.

«—Então, me disse, meu pae entregou tudo? Reconciliou-se com Deus?»

«—Eis aqui a prova, respondi, mostrando-lhe os objectos.»

«Pegou n'elles, examinou-os um a um, e com ar triste me disse:

«—Não está tudo: não lhe custaria muito entregar-vos as suas insignias; talvez mais lhe custasse entregar-vos o livro, que é de seu especial agrado; porém ainda tem outra coisa.»

«—E que é?»

«—Um escripto cujo conteúdo ignoro: meu pae ordenou-me que logo que morresse, o fosse entregar ao chefe da sua loja.

Está sellado e deve ser um segredo importante.»

«Voltei a ver o enfermo e disse-lhe:

«—Meu amigo, porque me enganaes? Ides comparecer na presença de Deus: julgaes acaso que escapareis à sua justiça? Não tendes mais alguma coisa que entregar-me?»

«—O enfermo ficou consternado. Notei-o na pallidez de seu rosto, e na perturbação da sua vista; por fim disse com certo embaraço:

«—Já levastes tudo; nada mais tenho que entregar-vos.»

«Ainda tendes mais alguma coisa: Um escripto como os que fazem os maçães.»

«—Estaes enganado, meu padre; nada tenho.

«Redobrei as minhas instancias, mas foram inuteis; o demonio triumphava. Empreguei quantos meios me pareceram efficazes n'aquella occasião. Nada obtive; o enfermo negava ou não respondia. Então, a filha, abre a porta, ajoelha-se aos pés da cama, e exclama:

«—Meu pae, por piedade, salvae a vossa alma. Não me façaes desgraçada: pois dizeis que me amaes, provae-m'o agora.»

«O enfermo não esperava esta saída; os beijos e as lagrimas de sua filha commovem-n'o; prodigalisa-lhe ternas caricias, palavras ternissimas; falla-lhe do ceu, que vae perder.»

«Então o enfermo disse:

«—Tu sabes que não occullo nada.»

«—Não é verdade meu pae, responde a filha com tom inspirado e firme; sempre tendes sido franco, não queiraes que me envergonhe de vós. Entregae ao sacerdote o papel que me encarregaste de levar ao Veneravel da loja.»



OS POBRES A' PORTA DO MOSTEIRO

«A estas palavras o enfermo deu um rugido, porém depois, fazendo um esforço, disse suspirando:»

«—Não, minha filha; não te envergonharás de teu pae. Toma esta chave que tenho ao pescoço: abre a caixa e entrega ao padre o papel que tem dentro.»

«Depois cahiu desfallecido.»

«A filha rapida como uma sentelha cumpria a ordem e me entregava o *prego* sellado exclamando:

«—Victoria! meu pae está salvo; vomitou o veneno!»

«Esta scena commoveu-me profundamente.»

«O valor d'esta joven recordou-me o das christãs dos primeiros tempos. O enfermo viveu ainda algumas horas e suas ultimas palavras foram um acto de fé e de esperança.»

«Abri em presença de sua filha o *prego* lacrado. Era um juramento firmado com o seu sangue. Tinha ouvido fallar d'estes escriptos usados entre os chefes da maçonaria, mas quando li aquelle papel apenas podia dar credito aos meus olhos.

Era um juramento de guerra sem fim nem tregua contra a Igreja, contra o Pontificado e contra os reis, contendo terríveis maldições para o caso em que violasse a sua palavra. Entreguei o papel ao Senhor Arcebispo para que pudesse apreciar como eu a infernal maçonaria.»

«Até aqui a narrativa do padre passionista. Este facto, entre mil, prova que a maçonaria é em todos os paizes a inimiga mortal do christão, da Igreja catholica, e de todas as suas instituições, do Pontificado espiritual e temporal, do mesmo modo que de todas as auctoridades legitimadas tanto civis como religiosas.»

Auctoridade



U se ha-de reconhecer a verdade indiscutivel: *Omnis potestas a Deo!* ou se ha-de perguntar com desprezo: *Porque tem o homem de obedecer ao homem?* Como homens todos somos iguaes, nascemos, vivemos e morremos todos em condições iguaes de humanidade; e esse argumento não tem resposta se absolutamente nos olhamos na reciprocidade de homem para homem só como *homens*. Isto importa reconhecer só: que estamos *creados*, e desconhecemos *Como e Para quel* Mas a mais do que isto estamos obrigados, pois que é devido nosso reconhecimento a Deus-Creador, e ao fim para que nos creou, e com isto confessarmos que ha uma Divina Economia, que nos regula em nossa in-

dividualidade e em nossa collectividade. Na propria Natureza (*Arte de Deos!*) imprimiu o Divino Creador a desigualdade entre o *mando* e os *mandados*, vêmos a *abelha-mestra* e as *abelhas obedientes*, como pois se poderia dar entre os homens a anarchia em que todos mandassem e nenhum obedecesse? Mas como convencer o homem a que obedecesse à auctoridade de outro homem? Tal convencimento só podia e poudo ser obtido ante a convicção, a fé n'um Deus Regulador, mandando Este, e outros em *Seu Nome!* Foi mister que Deos *diviniasse* a Auctoridade no Mundo, para que esta pudesse ser obedecida: *Omnis potestae a Deo!* Toda a rebellião, de qualquer especie, a esta verdade não tem podido senão trazer os gravissimos desastres. A *Revolução* quiz em sua impiedade *substituir-se* a Deos, e disse: A origem da Auctoridade está no homem; este delega-a quando lhe apraz ou a isso é constrangido humanamente, e assim sempre e só o homem! Esta *sentença* produziu a ruina de muitos homens, e uma *Sociedade gangrenada* como a todos está patente, e da qual se doem, de um modo ou de outro, até os proprios que a acclamam. Da Auctoridade Espiritual não quiz saber esse mundo *illuminado infernalmente*, logo como aceitará elle a Auctoridade do homem por aquillo que ella vâle? obedece-lhe só quando não lhe pôde desobedecer porque teme.—Somente os respeitos-humanos ou o carcere. A Auctoridade Espiritual governa as almas; a Auctoridade Temporal rége os corpos ou os interesses temporaes, mas sem damno e em conducção a levar os homens sób o ponto de vista que estes sam compostos de duas substancias «alma e corpo» o que procura *desconhecer a Auctoridade temporal moderna* e os que a sustentam. *S. Paulo* diz do *Principe: Minister Dei in bonum*, e se o *Principe* ou Soberano é assim em sua altura, proporcionalmente o é todo o que exerce auctoridade em sua posição; logo é de Deos que o Principe ou Soberano, e os que sam auctoridade em nome de este, recebe o poder, e assim para o exercitar segundo as Disposições Divinas; a Justiça é uma só, Deos é a Justiça por Essencia, e todos os actos para que sejam justos carecem absolutamente de se conformar com a Justiça Eternal O *Progresso* tanto não reconhece *Auctoridade* senão em seus *estonteados pensamentos*, e assim se vai *deitando pela escada abaixo* até que chegue *ao abysmo*, ou a *mais profundo abysmo!* A Auctoridade obedecida é a ordem, é a paz; estas duas bellissimas condições faltam na *Sociedade moderna* porisso que esta é soberba e desordeira; está cheia *de si* o que *equivale* ao *tonnel vasio* que tangido é quando Sôa-

mais forte; muita bulha e nenhuma substancia. O respeito e a obediencia à Auctoridade não rebaixa o obediente, ao contrario exalta-o, pois que o torna *ajustado* com Deos, que é de quem toda a Auctoridade dimana. A todos os *Auctorizados*, em sua gerarchia, se applicam aquellas palavras, para aqui *trasladadas*, de Santo Agostinho: *Vicem Dei gerunt, ordinem Dei tenent*. Expressões sublimes, que mostram a origem Sagrada da Auctoridade; que indicam a regra do dever!

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

DEVORA

Na elegante cadeira, em cada dia,
reclinada e silente,
no templo ao sacrificio, ella assistia
invariavelmente.

Na face tinha os lyrios perfumados,
e uns ares de doente;
mas chispavam-lhe os olhos meio quebrados,
se sorria contente.

Tinha elixires caros, nos crystaes
do nobre *boudoir*.

Tingia, às vezes, de cruceis signaes,
o lenço d'assoar.

Seu espirito fôra esmerilhado,
por letras e nas artes;
e tinha, ao discutir um ponto dado,
as mais divinas partes.

Vivia em solar prisco, que ella herdára,
com honrados milhões.

Ninguem, como ella, as noites illustrára,
em brilhantes serões.

Falavamos então não sei do quê.

Perto os sinos vibráram.

—«Eu saio, mas volto breve!—diz.—Bem vê,
já na igreja tocaram!...»

Fazia frio, e estava choviscando,
na rua alagadiça;
e a ceceim melindrosa, saltitando,
correu a ouvir missa!...

Mattos Ferreira.

SECÇÃO ILLUSTRADA

1

Os pobres á porta do mosteiro

A formosa gravura que hoje orna as paginas do *Progresso Catholico* contrasta com notavel saliencia da que no passa-

do numero publicáramos. Muda completamente o quadro.

No numero passado vimos que os pobres se foram da casa do rico, do grande da terra sem uma esmola; na presente gravura vemos a pobre mãe sentada junto do convento amamentando um filhinho, tendo aos pés um outro adormecido, e com o pensamento na pobre casa onde lhe ficou o marido doente, á espera que ella volte com os soccorros costumados, franqueados sempre e da melhor vontade á portaria do convento.

Os frades são a providencia dos pobres.

Impropria era a hora para receber os soccorros, porque os frades estavam occupados nos officios divinos, mas emquanto á pobre mãe espera chegam os leigos do peditorio, e um d'elles, velho venerando, vendo aquelle grupo encantador, tira do sacco um pão e dá-o á triste mãe. Já n'isto ha differença entre a casa do grande senhor e a dos pobres frades: n'aquella os criados não ousam fallar ao senhor nos pobresinhos; n'esta são os proprios criados que principiam a repartir do que lhes deram. E' que no convento todos sabem exercer a caridade, porque todos vivem da caridade.

E o pequeno quando accordar terá pão para mitigar a fome, e quando o portal se abrir a pobresinha levará sustento para si e para o marido enfermo, e todos bemdirão o frade.

Os frades são a felicidade dos pobres, o arrimo dos desgraçados.

Copia d'um quadro esplendido é a nossa gravura de hoje, e mostra ella o seu valor artistico não só, mas tambem o modo como os frades sabem explorar o povo, como dizem os *illustrados*—exploram-o dando-lhe do pouco que lhe dão.

S. Thomaz d'Aquino, Dr. da Egreja

(Continuado de pag. 200)

Temendo os superiores que segunda vez lhe roubassem aquelle thesoiro, enviaram-no para Roma, donde o geral da Ordem, Fr. João Teutonico, o fez partir para Paris, e d'alli para Colonia, onde estava então ensinando theologia Alberto Magno, o mais famoso doutor que n'aquelle tempo tinha a Ordem dos Prégadores.

Sob a direcção de tal mestre, fez Thomaz assombrosos progressos; porém tão occultos no veio da modestia, que seus condiscipulos chamavam-lhe o *boi mudo*. Mas por maior cuidado que tivesse de confirmar pelo silencio a opinião menos vantajosa que corria da sua capacidade, a penetração do seu espirito transluzia através da profunda

humildade; e aquelle pretensio *boi mudo* tornou-se dentro de pouco tempo o oraculo de todo o universo e o Anjo das escolas.

Vãmente recusou tomar o grau de doutor na celebre universidade de Paris, pois teve de render-se á obediencia.

Logo que recebeu a borla, mandaram-no explicar alli o Mestre das Sentenças; e Thomaz de tal modo se houve, que quasi logo desde o primeiro dia igualou a alta reputação de seu mestre Alberto Magno, e excedeu a todos os outros professores.

A grande perspicuidade do seu engenho em desemmaranhar o mais intrincado das sciencias; aquella facilidade em aclarar e resolver as difficuldades mais obscuras; a penetração, a erudição e o methodo que se admira em todas as suas obras, comprovam o que o papa João XXII diz na bulla da sua canonisação: *Que a sua doutrina teve mais de infusa que de adquirida*.

Dava sempre principio ao estudo pela oração; e elle mesmo confessou que nas dúvidas que se lhe offereciam, o seu principal oraculo era o crucifixo.

Ensinou em Bolonha, em Fondi, em Pisa e em Orvietto, com a mesma reputação que em Paris; e em todas as partes deixou tanta memoria da sua santidade, como da sua miraculosa sabedoria.

Tendo-se desencadeado contra as Ordens religiosas certos espiritos malignos, e alguns hereges contra a Santa Sé, Thomaz fez enmudecer aquelles, e confundiu estes com os seus escriptos, com tanta viveza e com tão victoriosa efficacia, que desde então o olharam e temeram como o seu maior açolite, assim os dissolutos como os inimigos da Egreja.

A' alevantada e vasta sabedoria que todos admiravam em Thomaz, correspondeu sempre a eminencia da sua heroica virtude.

Era difficil encontrar homem de merito mais verdadeiro, nem mais universalmente reconhecido, e nunca houve ninguem mais humilde.

Quando estava ensinando em Bolonha, chegou ao convento um frade que o não conhecia, e tendo de comprar quaesquer coisas pediu-lhe que o acompanhasse á praça. Achava-se o Santo muito molestado d'um pé, e alem d'isso era quasi a hora de entrar para a aula; porém sem allegar nem uma nem outra escusa, foi acompanhando o bom do religioso, que mal soube com quem tratava se desfez em desculpas, mas o Santo viu-se mais embaraçado com taes desculpas, do que com o exercicio do acto que fizera, impulsionado pela humildade.

O nosso Santo recusou tenazmente as

primeiras dignidades ecclesiasticas, e nomeadamente o arcebispado de Napolles, mau grado as reiteradas instancias do papa.

Não se podia levar mais longe a mortificação do corpo e do coração. Houve quem dissesse que elle tinha nascido sem paixões; tanto as tinha mortificadas. A doce suavidade do genio, o tom da voz, e a serenidade do semblante, foram sempre inalteraveis; e á força de macerar a carne, tinha quasi perdido o uso dos sentidos.

Posto-que houvesse recebido por especial privilegio o dom da pureza, nada poupou que podesse servir á conservação de tão delicada virtude. Nunca fitou o rosto de mulher alguma, e toda a vida evitou escrupulosamente todas as conversações que poudo escusar com este sexo.

A sua devoção favorita foi a que professou ao Santissimo Sacramento. Sempre que se chegava ao altar deixava-o orvalhado de lagrimas. Brotavam-lhe pelo semblante os interiores incendios do seu amor.

Por ordem do papa Urbano IV, compoz officio do Sacramento, com aquella terna effusão do coração que se faz sentir em cada palavra; e não contribuiu pouco para que se ordenasse a celebração da sua festa solemne por toda a Egreja, e para reaccender no coração dos fleis o quasi extincto fogo do amor a Jesus Sacramentado.

A ternura de S. Thomaz para com a Santissima Virgem constituiu desde o berço parte do seu character, merecendo-lhe a gloriosa antonomasia de *Favorito de Maria*. Muitas vezes lhe appareceu esta soberana Rainha durante a vida; e poucos dias antes de morrer assegurou-lhe que elle nada tinha pedido ao Filho por intercessão da Mãe, que não tivesse conseguido.

Seria interminavel a relação individual das virtudes e das maravilhas d'este gigante espirito.

Nunca deixava de prégar a palavra de Deus; e estando a exercer este ministerio pela oitava da Paschoa na Basilica de S. Pedro curou d'um fluxo de sangue uma mulher, que tocou a limbria das suas vestes.

A sua vida foi uma perpétua cadeia de milagres; sendo mui visível, como notaram os proprios summos pontifices, um que suppõe grande numero, isto é, —que um só homem, em menos de vinte annos pudesse ensinar com inaudito applauso em quasi todas as universidades mais célebres da Europa; combater e dissipar com os seus escriptos os maiores inimigos da Egreja; converter com os seus sermões grande numero de peccadores e de hereges; compor aquella prodigiosa multidão de sapientissimas obras, que podem cha-

mar-se o Theoiro da Religião; explicar com tanta precisão e com tanta solidez os mysterios mais obscuros da theologia; ensinar com tanta unção e nitidez as verdades da moral; expor com tanta clareza nos seus sabios commentarios os livros da Sagrada Escriptura; satisfazer tão plenamente a quantas dvidas que incessantemente e de todas as partes lhe propunham como a oraculo; e contudo isto dar todos os dias muitas horas à oração; não se dispensar quasi nunca dos mais ordinarios exercicios da communitate; macerar a sua carne com austerissima penitencia, sem embargo de ter uma saude debilissima. Tal foi a vida de S. Thomaz d'Aquino.

Mas não se deve admirar—diz Santo Antonino, falando do nosso grande Santo—que um homem que nunca perdia a Deus de vista, e tinha frequente conversação com as celestias intelligencias; que um homem, a quem tantas vezes se viu arrebatado em extasis maravilhosos, durando alguns por espaço de tres dias inteiros; um homem a quem os apostolos S. Pedro e S. Paulo dictavam a miudo a exposição de suas epistolas; não se deve admirar, que um homem assim possuísse uma sciencia tão profunda, e obrrasse tantas maravilhas em pró da religião.

Foi isto o que armou a indignação de todos os hereges contra o nosso Santo. Como é a este admiravel Doutor que se deve aquelle methodo regular que reina nas escolas, a favor do qual as opiniões se desembaraçam de toda a confusão, se arranca a mascara do erro, resplandece a verdade à luz do meio dia e se explicam os dogmas da fé com purissima limpidez, segundo a verdadeira intelligencia da Igreja e dos Santos Padres; a heresia não conheceu maior inimigo que S. Thomaz, porque nenhum heresiarcha tem podido defender-se contra a solidez, e—se é licito falar assim—contra a infallibilidade da sua doutrina.

E' esta doutrina angelica, que tantas vezes e por tantos papas tem sido elogiada, é esta doutrina que o grande S. Pio V reconhece por uma das regras mais certas e infalliveis da fé, tendo-se muitos sagrados concilios valido das proprias palavras de Thomaz para a disposição dos seus sacrosantos canones.

Que heresia—diz o mesmo illuminado pontífice—não tem sido desarmada pela doutrina d'este sancto Doutor? Que erro poderá levantar-se cujo contra-veneno se não ache na sua portentosa *Summa*?

Cada artigo d'esta obra admiravel—diz o papa João XXII—é um milagre.

O que segue a doutrina de S. Thomaz—diz Innocencio V—não poderá transviar-se; e o que d'ella se afasta, expõe-se a errar.

Comparado aos espiritos angelicos, não menos pela innocencia do que pelo ingenho, mereceu o nome de *Doutor Angelico*, titulo que lhe foi confirmado por S. Pio V.

Porém o maior elogio d'este grande doutor e da sua assombrosa doutrina é o que lhe succedeu achando-se em Napoles, quando compunha a terceira parte da sua milagrosa *Summa*.

Estava em oração na capella de S. Nicolau, diante d'um crucifixo, quando entrou n'uma doce extasis, durante o qual ouviu uma voz miraculosa, que saindo do crucifixo disse estas palavras: *Thomaz, tens bem escripto de mim; que recompensa queres que te dê?* Ao que o Santo respondeu: *Nenhuma outra sendo vós, Senhor, nenhuma outra.*

Assegura-se que elle recebeu o mesmo favor em Orvieto, quando compunha o officio do Santissimo Sacramento, e em Paris quando explicava o que nos ensina acerca d'este mysterio.

Achava-se em Napoles o nosso Santo dando fim às suas ultimas obras, quando recebeu ordem do papa Gregorio decimo para se apresentar no concilio geral que acabava de convocar em Lyão: e não obstante estar ainda mal convalescido d'uma especie de apoplexia, cuja violencia o tinha privado dos sentidos por espaço de tres dias, logo se poz a caminho.

Chegado ao mosteiro de Fossa-Nova, da esclarecida Ordem de Cister, foi de novo assaltado pela doença de que tinha sido atacado.

Em força dos remedios que lhe applicaram e do caritativo desvelo com que os monges accudiram a conservar aquella preciosa vida, sentiu o nosso Santo algum allivio. Aproveitando-se d'este intervalo, os referidos monges pediram-lhe que lhes fizesse uma exposição do livro dos Cantares. Thomaz começou a trabalhar n'ella, mas não a poudo concluir, porque o porfiado accidente voltou a assaltal-o com maior e mais perigoso insulto.

Conhecendo que se ia ja aproximando o ditoso fim da sua gloriosa carreira, confessou-se e recebeu o Sagrado Viatico, fazendo a proffissão da fé diante da Hostia consagrada, com lagrimas tão copiosas e tão ternas, que fez humedecerem-se tambem os olhos de todos os assistentes. Recebida a Extrema-Unção com uma presença d'espirito e devoção extraordinaria, entregou a venturosa alma nas mãos do Creador, e foi receber no ceo o premio que Deus lhe tinha preparado.

Morreu na quinta-feira 7 de março do anno de 1274, contando apenas cincoenta annos de idade, cumulado de glória e merecimentos.

Tanto pelos milagres que tinha feito em vida, como pelos que se continua-

ram depois da morte, juntos á santidade da sua vida, o papa João XXII o canonizou no anno de 1323, aos quarenta e nove annos (depois de fallecido; e no de 1567 mandou S. Pio V, que em todo o mundo catholico se rezasse o officio de S. Thomaz, como de Doutor da Igreja.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



ESTÁ enlutado o nosso amigo e leitor do *Progresso Catholico* sr. Antonio José Pereira Martins, d'esta cidade, pelo fallecimento de uma filha sua a ex.^{ma} sr.^a D. Amélia de Araujo Leão Martins, arrebatada da terra quando mal sahia da adolescencia, pois apenas contava quinze ou desesseis primaveras.

Tendo fallecido no dia 17 foi o cadaver levado procissionalmente ao cemiterio; depois dos officios funebres celebrados na Real Collegiada, acompanhando-o as companheiras do collegio dos Santos Passos, d'onde a finada saíra não ha muito.

Avaliando a dôr que pungira o coração do nosso amigo, pois conhecemos assás o quanto é extremoso para com os filhos, enviamos-lhe d'aqui pesames sentidissimos, pedimos a Deus que lhe haja dado confortos, e supplicamos a nossos leitores offerterem suas preces por alma da formosa menina que uma typhoide roubou à familia, na mais bella quadra da existencia.

Agradecimento

Faltariam a um dos nossos mais sagrados deveres se não viessemos por este meio, ainda que particularmente o tenhamos já feito, agradecer penhoradissimo a todos os ex.^{nos} snrs. e sr.^{as} que durante a dolorosa molestia de nosso pae procuraram informar-se do seu estado; aos nossos amigos e leitores do *Progresso Catholico* de todo o reino que depois do seu fallecimento nos cumprimentaram; aos R.^{mos} Sars. ecclesiasticos e minoristas, nossos amigos, que na igreja de S. Francisco assistiram ao acto do enterro gratis; aos tambem nos-

os amigos que nas diversas terras do paiz tiveram a caridade de celebrar o santo sacrificio da missa por alma de nosso fallecido pae; ao nosso amigo o R.ºm Parocho de S. Sebastião por acompanhar ao cemiterio, e a todas as pessoas que por qualquer fórma nos prestaram serviços e nos tornaram menos dolorosa a dôr soffrida.

Não esqueceremos os cuidados e desvellos empregados durante todo o tempo pelo nosso amigo dr. Avelino Germano da Costa Freitas, medico assistente, que se não poupou a sacrificios, como é costume seu, para a toda a hora prestar os soccorros da sciencia.

Recebam, pois, todos os nossos agradecimentos e a certeza de que já mais olvidaremos tantas provas de estima, de imerecida consideração e amizade.

Guimarães, julho de 1887.

José Antonio Teixeira de Freitas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

HAE por todo o orbe um movimento pasmoso, como ainda se não observára em tempos idos, para solemnizar dignamente o Jubileu Sacerdotal do N. S. Padre Leão XIII.

Em Inglaterra o *Tablet* propoz aos seus compatriotas a idéa de offerecer ao Papa uma imprensa completa, com todos os melhoramentos e descobertas da arte typographica. Propõe além d'isso offertarem ao Santo Padre uma soberba livraria onde sejam collocados todos os escriptos, ou os mais que seja possível colleccionar de todos os escriptores catholicos inglezes durante os ultimos cincoenta annos.

Esta idéa, que deve ser secundada por todos os catholicos de Inglaterra tem já a approvação do Em.ºm Cardeal Manning.

Da Austria dizem que o Em.ºm Cardeal Simor, Principe-Primaz da Hungria offertará ao Papa um magnifico calix, verdadeira obra d'arte executada segundo os desenhos do architecto primacial M. de Lippert, tendo enlaçadas em alto relevo as armas de Leão XIII, as da Hungria e as do Principe-Primaz.

Em França umas religiosas enviaram ao Cardeal-Arcebispo de Sens uma offrenda carissima destinada ao Jubileu do Santo Padre. Consiste n'um precioso ramô de oliveira com seus competentes fructos, e estes cheios de moedas de 20 francos. A dedicatória discretissima é a seguinte: «As Filhas do Cathecismo, sob a protecção de Santa Colomba, apresentam ao Santo Padre, como anti-gamente a pomba da Arca de Noé, o ramo de oliveira, symbolo da paz que

pedem para a Egreja, com o pequeno obolo de seus fructos, palida mostra do seu grande amor a Leão XIII.»

Sublime! tudo isto é sublime, altamente sublime! Nenhum potentado da terra foi ainda tão prendado por seus vassallos, como o Papa o é por seus filhos.

As festas do Jubileu do Santo Padre em Braga no dia 29 do passado mez, foram, segundo as noticias recebidas, importantes, principiando por praticas de devoção, que tiveram logar nos dias 26, 27 e 28, presididas pelo R.ºm Padre João Teixeira, de Bourro.

Fôra magestosa a peregrinação, deslumbrantes as illuminações no Bom Jesus, e solemnissimo o pontifical celebrado por S. Ex.ª R.ªm o Snr. Arcebispo Primaz.

De tarde houve *Te-Deum*, e sermão pelo nosso R.ºm amigo snr. Padre João Velloso.

Desejamos descrever minuciosamente estas festas, mas o tempo falta e o espaço tambem.

De Roma foi expedido o seguinte telegramma:

«*Monsenhor Freitas, Arcebispo*

«*Braga—Portugal*

«O Santo Padre, tendo particularmente agradecido as manifestações de filial affecto e jubilo constantes do telegramma de V. S., na effusão do Seu coração envia para todos e cada um a implorada Benção, fazendo votos ao Altissimo para que os encha das suas divinas graças e consolações.

«(Assignado) *Cardeal Rampolla.*»

Os nossos amigos estavam já desejosos de noticias de Lourdes, e por tanto vamos dar-lh'as, e será vinda da China, porque tambem por lá o *fanatismo* faz das suas. Ora leiam:

«Uma donzella, dedicada ao serviço dos orphanolatos, desde muito que soffria os estragos de um cancro no peito, e, apesar de todo o cuidado da sciencia, dos muitos curativos a que se sujeitou durante muitos annos, não foi possível experimentar melhoras.

Um dia, pessoa que lhe era dedicada, deu-lhe uma pouca de agua de Lourdes; a enferma bebe-a, depois de uma novena, e o cancro desaparece desde logo.»

Esta noticia achamol-a na Revista *Las Misiones Catolicas*, que, como nós, dá louvores a Deus, por mais este milagre operado por intervenção da SS. Virgem.

Os republicanos francezes julgavam que para estarem bem, bastava

aluir os thronos, decepar cabeças régias, e gritar ao povo—Viva a liberdade! Mas o povo que tambem quer tomar parte nas *festanças*, e que vê os seus tyrannos em todos os governantes, quer sejam reis, ou presidentes de republica, segundo as idéas que lhe metteram na cabeça, levantou-se no dia 14 em Pariz, e em frente das tropas em parada, receberam os ministros e o presidente da republica a gritos e assobios, fazendo uma gritaria horrorosa, que fez tremar, dentro das couraças guerreiras, o coração dos figurões que formavam os estado-maiores dos governantes republicanos.

Os governos revolucionarios tiram Christo das escolas; o povo quer tirar de sobre si os governos. E tem razão, governos sem Deus é uma irrisão.

Isto de frades é uma patifaria como outra se não viu ainda n'este reino. Bem fazem os inimigos d'elles, bem fazem os padres trambolhos das camaras e de fóra das camaras que não querem nada d'isto.

Nós estamos quasi a fazer côro com os *illustrados* e *liberalissimos* inimigos das Ordens Religiosas, e o faremos se os jornaes lá de fóra nos continuam a dar noticias como esta:

«Os frades Agostinhos do Escorial, em Hespanha, repartem diariamente comida a 150 familias pobres, e sustentam ainda mais de 50 creanças e pobres viandantes. Isto é allirmado por testemunhas presenciaes.»

Irra! Assim nem fica logar á gente para dar esmolas! Bem dizem os *sabões* que os frades querem tudo para elles!

O nosso illustrado e presadissimo collega lisbonense—*A Nação*, teve o cuidado de reunir todos os deputados que estando na camara, e assistindo á chamada ao abrir-se a sessão do dia 18 de maio, rejeitaram ou não approvaram a proposta ou additamento do snr. D. José de Saldanha para o restabelecimento das Ordens Religiosas. Entre esse grupo de 72 deputados, ou antes de 72 pandegos que vivem em Lisboa á custa do suor d'um povo vergado ao peso de todas as tyrannias, destacou o nosso esclarecido collega os padres, e quem chama com muita razão Judas, e que nós aqui vamos tambem apresentar para que sejam bem conhecidos. Eil-os: PADRE JOÃO PINA=PADRE ALVES CASTELLO BRANCO=PADRE LUIZ JOSÉ DIAS=PADRE ALFREDO BRANDÃO=PADRE ANTONIO CANDIDO=PADRE ALVES MATHEUS.

E' grupo *formoso* de 6 padres-Judas, porque trahiram a Religião de que são ministros, e a Patria de quem são filhos. São os padres das conveniencias,

que só visam aos interesses materiaes, que só olham á barriga, e estes são sempre verdadeiros trambolhos a todos os adiantamentos, a todos os progressos pelo christianismo.

Havia, porém, na camara mais um padre, e esse foi o unico que se apresentou como tal, era o snr. PADRE FELICIANO TEIXEIRA, que votou com o snr. D. José de Saldanha e com mais 4 deputados.

Publicou-se ha pouco tempo um livro de summa importancia, e de que só hoje podemos occupar-nos. E' o *Compendio de Historia Universal*, coordenado por Antonio Manuel dos Ramos, professor no Seminario dos Carvalhos.

O volume publicado é o primeiro, e trata da Historia Antiga. Parece-nos escripta com methodo e muito em harmonia com o ensino que hoje se ministra nas nossas escolas superiores, pelo que será um dos melhores compendios a adoptar.

E' editor d'esta obra o snr. Manuel Malheiro, do Porto, rua da Picaria, 85, a quem podem ser feitas as requisições. O preço do 1.º volume é de 600 réis.

Um outro livro utilissimo nos foi enviado do Brazil pelo seu auctor o R.ºo Padre Camillo Passalacqua, professor cathedratico da 4.ª cadeira da escola Normal de S. Paulo.

PEDAGOGIA e METHODOLOGIA, assim se intitula o livro, que lemos e que não duvidamos affirmar ser um dos melhores tratados de Pedagogia escriptos em portuguez, e podemos dizer isto, porque os nossos tratados de Pedagogia são, de ordinario, moldados pelos compendios estrangeiros, e peccam, por isso, em muitos pontos de grave importancia.

A *Pedagogia e Methodologia* do R.ºo Padre Passalacqua não deixa nada a desejar e pôde afoitamente um professor apresentar-se e apresentar a sua escola se se reger segundo os principios d'este livro, firmado sobre tudo nos principios catholicos.

E' adornado com varias gravuras, e é em tudo uma boa edição. Agradecemos ao illustrado auctor a sua offerta, e desejamos que de todos os amigos das letras seja conhecido um livro de tanta importancia.

D'outras publicações nos occuparemos em breve, que o espaço hoje não chega.

Tem feito um figuraço o Collegio de Regeneração de Braga na exposição do Palacio de Crystal, do Porto. Os jornaes, mesmo aquelles hostis ás Irmãs de Ca-

ridade, tecem-lhe os mais alevantados elogios, o que nos faz pular de contentamento o coração, pois vemos que se vaç fazendo luz e se vaç apreciando, ao clarão d'essa luz, o que vale a mulher dedicada toda ao serviço de Deus e da humanidade.

Eis o que o *Commercio do Porto* dizia ha dias, referindo-se aos trabalhos do Collegio de Regeneração:

«O Collegio de Regeneração attesta a sua grande utilidade, pela prodigiosa variedade de artigos que enviou, executados todos pelas suas educandas. Vê-se de tudo quanto alli se apresenta, a educação pratica e esmerada que se dá n'aquelle estabelecimento à mulher, habilitando-a a tornar-se uma boa mãe de familia. Bem cabida lhe é a denominação, porque é, sobretudo, pelo trabalho, assim dirigido, que a mulher se regenera moralmente para a grande missão que tem a preencher na sociedade, como companheira amavel do homem e como educadora dos seus filhos.

Quasi que nos é impossivel enumerar os objectos que o referido collegio expõe. Desde o mais delicado bordado, até aos artigos mais usuaes e baratos alli se exhibem. Meias feitas à machina, lindas saias para aldeãs, de côres garbadas e alegres; outras saias de tecido diverso, para mulher; toalhas, guardanapos e roupas brancas para senhora e creança, algumas guarnecidas com luxuosas rendas e bordados; diversas amostras de tecidos; bordados a petit-point e outros, finalmente uma infinidade de cousas, todas ellas perfeitamente trabalhadas e de um uso constante. E tudo isso é alli fabricado, desde o tecido até ao ultimo ponto de confecção!

Não conhecemos a organização d'este estabelecimento nem sabemos os meios de receita que possui. Que nos perdoem esta ignorancia na verdade indesculpavel. Mas sejam quaes forem esses meios, nós intendemos que pelos serviços que presta á sociedade, como casa educadora, devia ella ser auxiliada pelos poderes publicos, e quando o poder central lhe recusasse um apoio não lh'o devia negar a municipalidade ou o proprio districto. Tambem não sabemos, ao aventar esta opinião, se realmente o collegio de que se trata necessitaria de taes beneficios. Em todo o caso, pelos objectos que vemos na exposição, deprehendemos que são os estabelecimentos d'esta ordem, assim bem dirigidos e de uma utilidade tão palpavel, que os governos devem proteger. Temos ouvido fallar muito de escolas de artes e officios, mas ainda não vimos lembrar a installação de internatos, onde a rapariga pobre podesse receber até uma certa idade uma educação intellectual e pratica, que a habilitasse

aos diversos misteres que lhes são proprios. Se alguma cousa existe no nosso paiz n'este sentido é tudo devido à iniciativa particular e à caridade publica. Ora estabelecimentos d'estes, não devem viver só da caridade.

Concluindo, resta-nos apenas referir que o Collegio de Regeneração, se affirma n'este certamen de um modo digno do maximo louvor.»

Communicam-nos de Ancora:

«Não podemos resistir ao desejo de transmittir aos leitores do «Progresso Catholico» os pormenores d'uma solemne e commovente festividade, que no dia 5 de junho teve logar na visinha freguezia de Outeiro. Foi a função da communhão geral, d'esse acto talvez o mais sublime, que nunca a alma poderá olvidar, em que mais de 70 creancinhas receberam pela vez primeira o divino Pão Eucharistico. Commovia os corações, ainda os menos dados ás bellezas do catholicismo, o ver a alegria que se divisava n'aquelles rostos que bem mostravam a candura e innocencia de suas almas, n'aquelles rostos ainda não tocados pela negra aza do peccado. Seus paes, cuja alegria era infinita, por verem seus filhos sentados à meza do cordeiro Immaculado, na qual tomavam parte as porções mais queridas de suas almas, choravam enternecidos por tão solemne e commovente acto. Subiu ao pulpito o distincto e aprecivel orador sacro, o rev. Manoel José Affonso da Veiga, de Molêdo, que n'um bello e primoroso discurso, como todos os de sua lavra, allusivo ao acto, demonstrou em phrases correctas e sublimadas a grandeza e magestade do Pão dos Anjos, que aquellas tenras e innocentes criancinhas iam receber. Discursou largamente sobre este assumpto na occasião da communhão geral, e na missa solemne subiu outra vez os degraus da cadeira da verdade, tratando ainda largamente da solemnidade de tão pomposo como divino acto. Por vezes as lagrimas, tal foi a efficacia das sublimes palavras do orador, por vezes as lagrimas, diziamos, se viam desprender de muitos rostos, d'aquelles sobre quem as ideas nefastas do erro não tiveram ainda poder para lhes macularem a santa e augusta crença de seus maiores. Terminamos o nosso pequeno e humilde esboço por felicitar sinceramente o rev. parochio de Outeiro, o rev. Borlido Martins, pela forma altamente nobre e digna como promoveu aquella solemne festividade, instruindo e educando para o gremio da igreja catholica aquellas creanças, para quem o dia 5 de junho de 1887, foi o dia mais feliz da sua vida.»